

O PIBID COMO UMA POLÍTICA PÚBLICA DE FORMAÇÃO DOCENTE: RELATOS DE EXPERIÊNCIA

Taís Melo da Silva

Universidade Federal Rural de Pernambuco

taysinha_mello@hotmail.com

Resumo: O Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) se caracteriza como uma política pública de valorização e apoio à formação docente. Este relato de experiência apresentará um breve recorte de atividades desenvolvidas durante a participação no programa na Escola Municipal Instituto Bíblico do Norte, localizada em Garanhuns – PE, em uma turma do segundo ano do ensino fundamental, além de discutir sobre as contribuições do PIBID na formação do pedagogo através do desenvolvimento de um plano de atividades com foco no trabalho de Memória, Identidade e Cidadania. Para tanto, temos enquanto objetivo geral: socializar experiências do PIBID sob um olhar contributivo para formação inicial do pedagogo; e, enquanto objetivos específicos: discutir sobre os usos de memória na educação como recurso mediador e reflexivo para o exercício da cidadania e reconhecimento identitário; apresentar as possíveis contribuições do PIBID para endossar ainda mais a formação inicial do futuro docente; socializar atividades desenvolvidas durante o projeto e seus respectivos desdobramentos. Para tanto, este artigo apresentará um histórico e uma identificação do PIBID, bem como seus objetivos, seguidos de uma apresentação do Projeto “Memória, identidade e cidadania”, que norteou as ações aqui relatadas. Por conseguinte, apresentam-se os métodos e os recursos utilizados, os resultados analisados e, por fim, as considerações finais.

Palavras-chave: PIBID. Prática Pedagógica. Memória.

THE PIBID AS A PUBLIC POLICY TEACHER TRAINING: EXPERIENCE REPORTS

Abstract: The Institutional Scholarship Initiative Program (PIBID) is characterized as a public policy of valuing and supporting teacher education. This report of experience will present a brief cut of activities developed during the participation in the program in the Municipal School Instituto Biblico do Norte, located in Garanhuns - PE, in a class of the second year of elementary education, besides discussing the contributions of PIBID in the formation of the pedagogue through the development of an activity plan focused on the work of Memory, Identity and Citizenship. For that, we have as a general objective: to socialize the experiences of the PIBID with a contributory look at the initial formation of the pedagogue; and, as specific objectives: to discuss the uses of memory in education as a mediator and reflexive resource for the exercise of citizenship and identity recognition; present the possible

contributions of PIBID to further endorse the initial training of the future teacher; socialize activities developed during the project and their respective developments. In order to do so, this article will present a history and identification of the PIBID, as well as its objectives, followed by a presentation of the Project "Memory, identity and citizenship" that guided the actions reported here, therefore the methods and resources used, the results analyzed and, finally, the final considerations.

Keywords: PIBID. Pedagogical Practice. Memory.

INTRODUÇÃO

O Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) se caracteriza como uma política pública de valorização e apoio à formação docente. Enquanto política pública, o PIBID responde à demanda de formação docente de qualidade, como esclarece Martins (2013, p. 288) ao afirmar a existência de ações governamentais como resposta às necessidades da sociedade: “[...] é preciso considerar, ainda, que as medidas governamentais atendem a focos específicos de problemas detectados em movimentos políticos e sociais cada vez mais complexos, tendo em vista a pluralidade de demandas dos mais diferentes segmentos”.

Diante disso, se podem analisar as políticas públicas educacionais sob a perspectiva de melhorias e aprimoramentos das instituições de ensino, da formação e da qualificação de professores, dos processos de ensino e aprendizagem e, conseqüentemente, da sociedade como um todo. Ou seja, é através de iniciativas como o PIBID que se busca responder a uma demanda da sociedade que não preza apenas pelo acesso à educação, mas que luta pelo acesso à educação de qualidade.

A partir de 2010, foi instituído pelo Decreto nº 7.219 o Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência, que, segundo seu art.1º, tem por finalidade “[...] fomentar a iniciação à docência, contribuindo para o aperfeiçoamento da formação de docentes em nível superior e para a melhoria da qualidade da educação básica pública brasileira”. Essa contribuição é bilateral na perspectiva em que tanto a escola parceira, quanto o professor em formação se beneficiam diante da inserção de projetos que relacionam teoria e prática,

proporcionando, ao longo da formação, um primeiro contato com um dos possíveis campos de atuação do professor.

É neste sentido que se propõe enquanto objetivo geral: socializar experiências do PIBID sob um olhar contributivo para formação inicial do pedagogo; e, enquanto objetivos específicos: discutir sobre os usos da memória na educação como recurso mediador e reflexivo para o exercício da cidadania e reconhecimento identitário; apresentar as possíveis contribuições do PIBID para endossar ainda mais a formação inicial do futuro docente; socializar atividades desenvolvidas durante o projeto e seus respectivos desdobramentos.

Para tanto, este artigo apresentará um histórico e identificação do PIBID, bem como seus objetivos, seguidos de uma apresentação do Projeto “Memória, identidade e cidadania”, que norteou as ações aqui relatadas. Por conseguinte, apresentam-se os métodos e recursos utilizados, os resultados analisados e, por fim, as considerações finais.

SOBRE O PROGRAMA DE BOLSAS DE INICIAÇÃO À DOCÊNCIA

De acordo com o decreto nº 7.219/10 (art. 3º), dentre os principais objetivos do PIBID destacam-se a necessidade de viabilizar práticas pedagógicas à luz das teorias discutidas no âmbito acadêmico, visando: “VI - contribuir para a articulação entre teoria e prática necessárias à formação dos docentes, elevando a qualidade das ações acadêmicas nos cursos de licenciatura”. Assim, nas licenciaturas, torna-se salutar realizar a associação entre teoria e prática, muitas vezes garantida apenas pelos estágios obrigatórios, os quais, infelizmente, têm pouca carga horária e são ofertados nos últimos períodos da graduação.

Como consequência, o professor em formação tem contatos superficiais com a prática escolar. Sobre isso, Gomes (2006) afirma que:

Assim podemos perceber que não basta refletir sobre as relações entre ser e fazer, pois é preciso também analisar a inter-relação do ter com o ser. O ter-conhecimento comporta um valor importante, constituindo-se meio e instrumento para ser mais, aperfeiçoar e realizar o ser professor e aluno num processo de troca e interação de seus sentidos e significados em dado contexto histórico. O ter e o fazer devem servir para SER mais e melhor, a fim de que o ensino-aprendizagem contribua para a

conscientização reflexivo-crítica dos sujeitos históricos e se recriem as possibilidades de uma pedagogia humanizadora. (GOMES, et al. 2006, p.234 e 235).

Essa apreensão de conhecimento, discutida por Gomes (2006), aponta a relação teoria e prática como essencialmente necessária e impossível de ser dissociada, podendo alcançar, assim, o aprimoramento do ensino-aprendizagem e as reflexões práticas acerca do mesmo. No caso do PIBID, essa relação caracteriza-se, também, numa melhor compreensão dos conteúdos e das disciplinas ministradas durante a formação acadêmica, além das leituras e das discussões realizadas com o orientador do projeto, ampliando possibilidades de assimilação do conhecimento e de articulação entre ambos.

Embora, e, não menos importante, o estágio obrigatório deva ser reconhecido como um dos principais articuladores entre os saberes construídos no espaço acadêmico com o cotidiano escolar, o PIBID se apresenta como mais uma possibilidade de fortalecimento e promoção do contato com a realidade docente nas escolas da rede pública.

FUNDAMENTANDO O PROJETO: MEMÓRIA, IDENTIDADE E CIDADANIA

Durante o processo educacional, é necessário tornar possível a construção do conhecimento a partir de uma realidade próxima ao contexto onde o aluno está inserido, fazendo-o refletir sob aspectos culturais e históricos e instruindo-o à criticidade e à cidadania. Sobre esse tema, Bittencourt (2006) afirma que a construção da capacidade crítica é essencial para o desenvolvimento da cidadania dos alunos:

A constituição de um pensamento crítico é uma meta necessária para as sociedades em transformação que exigem atuações criativas para a manutenção de estágios de desenvolvimento tecnológico, exigências de uma sociedade industrial urbanizada, e esta necessidade de formação escolar está expressa em currículos a partir dos anos 50. (BITTENCOURT, 2006, p. 19)

Essa cidadania, conforme mostra Bittencourt (2006), propõe a compreensão da realidade social, a valorização das lutas e a participação do sujeito num campo coletivo que diz respeito a todos os outros cidadãos.

No que cerne à construção de identidade, esta é compreendida, neste relato, sob a perspectiva apresentada por Ricoeur (1913) de construção contínua, que vai se modificando conforme as experiências que vão sendo construídas durante esse processo. Ainda nesta perspectiva, Vaz e André (2009, p. 3) reiteram que a identidade é construída a partir de diversas situações, aspectos sociais, culturais, etc., porém, sempre em articulação com práticas e reflexões cotidianas. Sobre isto afirmam:

Percebemos que a construção da identidade está intimamente ligada ao ambiente em que o sujeito está inserido, ao sentimento de pertencimento, aos hábitos, às visões e aos posicionamentos perante as situações do dia a dia. Assim, as questões culturais, religiosas, históricas e geográficas se tornam extremamente importantes, fazendo com que o sujeito se sinta pertencente (ou não) ao ambiente e que construa um senso crítico diante das questões cotidianas. Quando discutimos o pertencimento, estamos levando em conta as identidades culturais de cada sujeito.

Nesse sentido, a memória pode ser vista e compreendida como um recurso imprescindível ao exercício da cidadania e de suma importância para construção e reconhecimento de diferentes identidades no espaço educacional, ampliando para outros espaços sociais. A memória reflete, também, sobre aspectos passados e presentes, relacionados a espaços sociais, lutas e trajetórias. Segundo Ricoeur (1913), a memória pode ser configurada como individual, pois alguém “se lembrou”; esse “se” refere-se a um ser, a um singular (como dito por ele em sua hermenêutica de Santo Agostinho). Para tanto, define-a da seguinte forma:

Três traços costumam ser ressaltados em favor do caráter essencialmente singular: minhas lembranças não são as suas. Não se pode transmitir as lembranças de um para a memória do outro. Enquanto minha, a memória é um modelo da *minhadade*, de posseção privada, para todas as experiências vivenciadas pelo sujeito. (RICOEUR, 1913, p. 107 – *grifo nosso*)

Ricoeur (1913) segue explicando o vínculo do passado com a memória individual, passado esse que está intrinsecamente relacionado às impressões individuais do sujeito, que não lembrará exatamente e nem na mesma perspectiva que o outro. Dessa forma, possibilita um movimento longínquo e retrospecto que remonta e representa as organizações dessa

memória, a qual, no decorrer do ato de se narrar ou de se contar, será, então, articulada com outras narrações que corresponderão ao que se chama de memória coletiva.

ORGANIZAÇÃO E PLANEJAMENTO DAS ATIVIDADES

Tendo em vista o desenvolvimento de práticas pedagógicas e metodológicas que favoreçam a aprendizagem, a socialização e o desenvolvimento da cidadania em sala, construiu-se um projeto que contemplasse os seguintes objetivos:

- Estimular o exercício de memorização através da escrita de si e da construção de uma memória pragmática, iniciando em sua dimensão individual, familiar e coletiva;
- Promover momentos de socialização das memórias construídas por parte dos alunos em cada etapa de trabalho, possibilitando a troca de experiências e o diálogo necessário à cidadania;
- Criar técnicas de memorização e elaboração da memória por parte dos educandos que, na condição de sujeitos históricos, se apropriam da construção de suas identidades, terreno para o desenvolvimento da cidadania.

O desenvolvimento dessas atividades ocorreu numa turma do segundo ano do Ensino fundamental, na Escola Municipal Instituto Bíblico do Norte, localizada em um bairro de perfil socioeconômico baixo na cidade de Garanhuns - PE. O perfil da turma, na qual o projeto foi desenvolvido, é, assim como em todos os espaços sociais, bem heterogêneo. Porém, identificamos algumas características e ações bem recorrentes, sendo estas: intolerância, discriminação, autoestima baixa, repressão, etc. Tais aspectos foram de suma importância para direcionar o planejamento das atividades a serem desenvolvidas neste espaço, pois é a partir do perfil identificado e em constante diálogo com os sujeitos participantes que se construiu o planejamento.

Isto porque, entendemos que quanto mais cedo o professor em formação entra em contato com seu futuro local de trabalho, mais ele amadurecerá frente as adversidades que

poderão advir em sua sala de aula, bem como poderá decidir, mesmo diante das diversas dificuldades cotidianas, se essa será a carreira a qual seguirá. Assim, muitos, ao se encontrarem nessa realidade, confirmam sua realização na vida docente; outros, porém, podem optar por outras áreas ou profissões antes mesmo de chegarem à metade da graduação, evitando, assim, possíveis profissionais revoltados, frustrados e insatisfeitos. Nessa perspectiva, o PIBID além de tornar mais próximo o contato com o futuro palco de atuação do pedagogo, garante ao bolsista de iniciação à docência o desenvolvimento de uma prática pedagógica orientada.

Com o desenvolvimento do projeto, de abril a dezembro de 2015, o PIBID gerou o compromisso de participação em um grupo de estudos que se debruça sobre “Memória, Identidade e Cidadania”, o qual se reunia uma vez por semana com o intuito de nos direcionar e possibilitar momentos de questionamentos e reflexões que, com certeza, nos deu suporte para as atividades que realizamos em nosso projeto.

A UTILIZAÇÃO DA MEMÓRIA EM SALA DE AULA

Como foi dito, a partir do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência, organizou-se um grupo de estudos com um enfoque na orientação para diferentes projetos, mas que tinham um ponto em comum: contribuir para práticas pedagógicas do ensino de História nos anos iniciais.

As discussões teóricas tiveram seu início a partir de leituras densas e contextualizadas da obra de Paul Ricoeur “Memória, História e Esquecimento”, que nos apresenta diferentes conceitos que circundem a memória, como, por exemplo: “a memória feliz”, “a memória impedida”, “usos e abusos da memória”, “o nível ético-político da memória”, “sua relação com a construção da identidade” (identidade essa que Ricoeur apresenta não como uma essência, mas como uma construção constante e consciente). Esses são apenas alguns breves aspectos estudados até então em função do desenvolvimento dos projetos nas escolas, mas que exigiram atenção, dedicação e compromisso.

Quando tivemos nossos primeiros contatos com a realidade escolar, o que ocorrera na diagnose (realizada durante todo o mês de abril de 2015 através da observação de aulas, de aspectos físicos e organizacionais da escola e de conversas informais com os estudantes, a professora e outros funcionários), percebemos como aquelas leituras e momentos de reflexão repercutiam em nosso modo de analisar e diagnosticar possíveis problemas e, a partir disso, de elaborar um projeto que correspondesse principalmente à realidade da escola parceira.

Nesse caso, foi construído um projeto que dialogasse com as especificidades daquela turma. Este projeto subdividia-se em três principais partes: a primeira, a que se refere este artigo, correspondia à perspectiva de memória individual. Esta, por sua vez, se realiza na reflexão do “eu”, na escrita e reflexão do “si”, no autorreconhecimento e na valorização e nos incentivos à boa estima.

Uma segunda perspectiva a ser trabalhada neste projeto é a memória familiar. Nesta temática, são abarcados vários outros subtemas, partindo das vivências dos estudantes. Houve discussões que remetem à diversidade das famílias, aos fatos construídos a partir das histórias orais, à socialização de relatos e à construção de materiais como cordéis, dentre outras coisas.

E, por fim, este projeto finalizou com a introdução à memória coletiva, ou seja, construída a partir dos estudantes em um espaço público, neste caso, a escola. Não que tenha sido fácil a execução do projeto, mas, sim, desafiadora, uma verdadeira superação e quebra de paradigmas, obtidas a partir das dificuldades que encontrávamos. Muitas vezes, os estudantes apenas queriam textos prontos, não gostavam de expressar suas ideias ou, até mesmo, suas dificuldades; outros, ainda, não tinham se apropriado do sistema de escrita alfabética, dentre outras coisas. E como trabalhar a arte de fazer sua memória num momento em que os próprios alunos não se sentiam sujeitos ativos, que podiam se contar ou até mesmo se expressar na sala de aula?

Foi necessário um desenvolvimento de atividades que desconstruísse comportamentos repressivos e agressivos, identificados no período de observação, que realmente os libertassem das prisões simbólicas que os impediam de falar, de agir, de aprender e de ensinar para, junto com os demais, construir seus próprios conceitos e reflexões.

Pudemos verificar essa articulação interessante da teoria com a prática nas imagens de algumas atividades realizadas pela turma do segundo ano do ensino fundamental na Escola Instituto Bíblico do Norte. As imagens analisadas neste estudo correspondem à primeira etapa do projeto “Memória, identidade e cidadania” (que teve duração média de dois meses), a qual trata, mais especificamente, da memória individual dos estudantes (de como estes se reconhecem) e propõe o exercício reflexivo. Essas atividades tinham enquanto objetivos promover reflexões sobre si mesmos e realizar uma busca nas memórias de sua infância, podendo recorrer a fontes externas que se fizessem necessárias e realizando socializações que promovessem momentos de interação, exercícios de respeito, tolerância e valorização do outro.

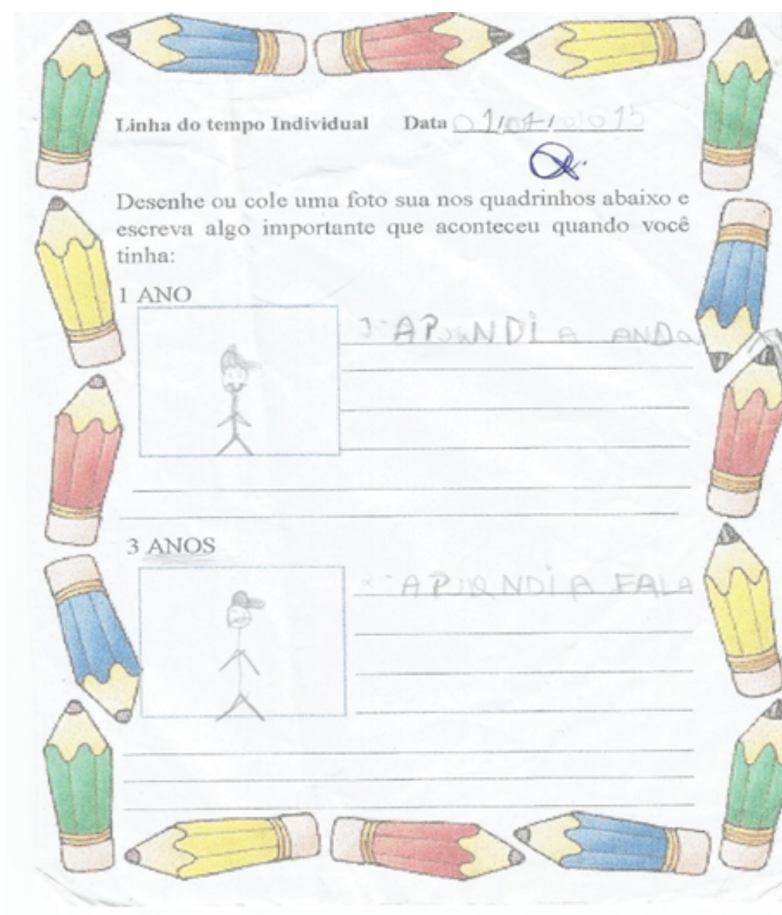


Imagem 1: Atividade: linha do tempo individual.

Fonte: Elaborada pela autora. Data: 01/07/2015.

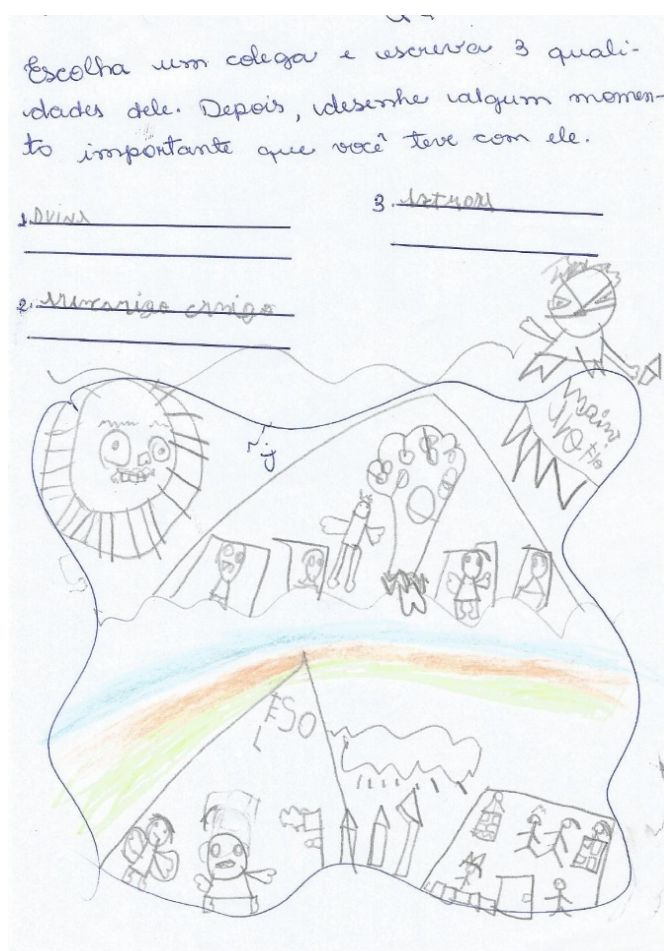


Imagem 2: Atividade: autoestima.

Fonte: Elaborada pela autora. Data: 10/07/2015.

Os objetivos destas atividades supracitadas deveriam ser alcançados através da memória construída por eles. Logo, vemos que uma das dificuldades, no caso, a escrita alfabética, foi superada pela utilização do desenho como uma forma de expressão cultural e de interpretação social, como sugerido por Analice Dutra Pillar (2012), que também foi associado à escrita, a qual tinha como principal função transmitir a mensagem representada pelos alunos no desenho e contada oralmente por eles durante os momentos de socialização das atividades. Houve, também, rodas de conversas que possibilitaram a liberdade de expressão das crianças e o exercício de sua cidadania a partir de atitudes de tolerância, respeito e solidariedade ao outro.

Como falado inicialmente, muitas foram as dificuldades a serem superadas, dentre elas o ato de refletir. Por isso, foi proposto que os discentes refletissem sobre si, sobre seus gostos, seus costumes e seus modos de vida a partir de uma busca intencional em suas memórias consideradas individuais, pois, segundo Ricoeur (2006) são consequências do “se” lembrar, ou seja, a lembrança de um sujeito.

Com relação à *Imagem 1*, no início dos incentivos à reflexão, os alunos levaram para casa uma atividade que possivelmente seria realizada com sua família: colar ou desenhar imagens que os representasse em uma determinada idade, fazendo referência a acontecimentos que lhe foram mais marcantes. Essa atividade possibilitou um breve entendimento sobre o conhecimento histórico, bem como a associação do passado com o presente a partir de um campo micro, ou seja, do aluno como sujeito importante que tem o direito a lembrar e a ter o que é decidido por ele lembrado por outros.

Em seguida, na *Imagem 2*, partimos do diagnóstico de repressão e de baixa estima, presente entre os alunos, principalmente ocorrido por “não poder falar”. Por isso, foi proposto que se dividissem em duplas para, então, falar três adjetivos positivos referentes ao colega escolhido.

Nessa troca de elogios, ao mesmo tempo em que o aluno apontava algo bom no outro, também o recebia. Os estudantes mostravam-se empolgados e expressaram os momentos que haviam vivenciados com seus colegas na escola.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Dentre as contribuições alcançadas através do desenvolvimento do projeto na escola parceira do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência, está essa possibilidade de articulação entre teoria e prática, em constante diálogo com ações orientadas e reorientadas sempre que necessário.

Destacamos o quão importante foi a preparação teórica antes de irmos à execução do projeto, como o ato de refletir sistemática e criticamente sobre pensadores educacionais (da sociologia e da filosofia) para, então, pensarmos como essa carga inicial de conhecimentos,

associados aos conhecimentos adquiridos nas disciplinas ministradas em nosso curso, poderiam se concretizar, não só em nossas atividades para com os alunos, mas também em nossa postura enquanto professores ou professoras.

Outro aspecto relevante para nós foi o estímulo à participação em nosso grupo de estudo Memória, Identidade e Cidadania, como já havia sido apresentado, proporcionando reflexões e discussões sobre possíveis metodologias para o ensino de história nos anos iniciais, levando em consideração seus respectivos temas. Foi gerado em nós um comprometimento, na medida em que a participação nesse grupo de estudos tornou-se parte complementar de nossas ações e projetos, tanto no programa institucional, como nas demais atividades que compõem nosso processo formativo, além de nos dar aporte para as atividades que realizamos em nossos projetos.

Sobre os discentes com os quais propomos a execução das atividades apresentadas, foi possível compreender a necessidade do aluno se colocar como um sujeito participativo, que constrói conhecimentos.

Um dos desafios apresentados foi, sem dúvida, romper com ideias de repressão ao aluno e detenção de saberes referentes ao professor. Apesar de tratarmos da reflexão sobre a memória individual do educando, consideramos importante o fato delas remeterem aos espaços de coletividade em que estes se encontram, nos aproximando da realidade deles.

REFERÊNCIAS

- BITTENCOURT, Circe (org.). **O saber histórico na sala de aula**. São Paulo: Contexto 2006.
- BRASIL. Decreto nº 7.219, de 24 de junho de 2010. Dispõe do Programa Institucional de Iniciação à Docência. Diário Oficial, Brasília, DF, 24 de jun. 2010.
- GOMES, Annatália Meneses de Amorim; et al. Os saberes e o fazer pedagógico: uma integração entre teoria e prática. **Educar**. Curitiba, n. 28, p. 231-246, 2006, editora UFPR.
- MARTINS, Angela Maria. O campo das políticas públicas de educação: uma revisão da literatura. **Estudos em Avaliação Educacional**, v. 24, n. 56, p. 276-299, 2014.
- PILLAR, Analice Dutra. **Desenho e escrita como Sistema de Representação**. 2. ed. Rev. Ampl. – Dados Eletrônicos. – Porto Alegre: Penso, 2012.
- RICOEUR, Paul, 1913. **A memória, a história o esquecimento** /Paul Ricoeur – tradução: Alain François [et al.]. – Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2007.
- VAZ, Ana Carolina de Sousa; ANDRÉ, Bianka Pires. Construindo identidades no espaço escolar: percepções de professores sobre o sentimento de pertencimento dos seus alunos e a

construção da cidadania. In: **Anais Colóquio Internacional Educação, Cidadania e Exclusão**: didática e avaliação. V. 1, 2015.